

Black Mirror e suas representações de nossos tempos: tecnologia e distopias cotidianas

Júlia Camargos Magalhães¹, Luis Fernando Tosta Barbato²

¹ Estudante do curso Técnico em mineração na modalidade integrado ao ensino médio no Instituto Federal do Triângulo Mineiro, campus Patos de Minas.

E-mail: julia.magalhaes@estudante.iftm.edu.br

² Orientador(a)/Professor(a) do Instituto Federal do Triângulo Mineiro, Campus Patos de Minas

E-mail: luis.barbato@iftm.edu.br

PALAVRAS-CHAVE : Distopia; Tecnologia; Mundo Virtual.

Introdução

Pensar na contemporaneidade é perder-se na massa fluída de informações simultâneas e se ver incapaz, muitas vezes, de acompanhar o fluxo de mudanças, uma vez que esse cenário, sem uma análise profunda e metódica, acaba sendo muito dificilmente interpretado. O objetivo principal da modernidade tornou-se, portanto, entender e manter-se atualizado das constantes relativizações acerca da realidade. O próprio processo de disseminação de conteúdo, de notícia, de imagem e de manipulação de massa apropriou-se aos modelos da modernidade, e nem mesmo a Geração Z, ou como Oliveira (2010, p. 9) diz, uma sociedade “banhada” em bits, consegue manter-se em equilíbrio com as grandes redes. Mas a questão é: como exigir um conhecimento amplo de um mundo tão perigosamente próximo de uma distopia quando, em geral, pouco se discute sobre a aplicação de pequenos atos distópicos em nosso cotidiano?

Ao se pensar no mundo atual como um sinônimo de *mar de novos conceitos*, instituições sociais, liberdades, regras – e sua ampla relativização – e costumes que são amplamente representados no cinema e na literatura, é comum tentar entender as questões contemporâneas através de filmes, séries, livros e as mais diversas formas de comunicação digital tão normalizadas socialmente dentre as mais amplas faixas etárias. É nesse sentido de fácil acesso aos sistemas midiáticos, à internet e os produtos que ela propõe, que se torna constante a busca por conteúdos que idealizem o mundo perfeito, longe das injustiças facilmente expostas pela rede, ou ainda um mundo que satisfaça as ambições humanas em relação às evoluções tecnológicas e sistemáticas que agreguem nas relações sociais.

Entende-se pela formosura de um mundo inexistente como utopia, conceito este apresentado pela primeira vez na obra de Thomas More, *Utopia* (1516). Etimologicamente, utopia (*u-topos*) significa lugar nenhum, podendo assim evidenciar a incapacidade da existência de um mundo perfeito, mesmo com sua constante busca. A incapacidade de se alcançar um mundo de utopia o torna, de fato, um mundo utópico, ou seja, a utopia é uma tendência da realidade, operante e efetiva, mas que não se efetiva enquanto Estado (BERRIEL, 2005, p. 2). Historicamente, a utopia – como um formato literário e de subsídio para obras narrativas – se insere num momento de extrema importância para o desenvolvimento racional da humanidade, em que há um abandono significativo do Teocentrismo comum ao medievo, e um protagonismo da centralidade humana nos discursos. Significa, portanto, a alteração de um exercício, ora de reflexão filosófica, ora de criação artístico-literária sem uma perspectiva de aplicação histórica concreta (FERREIRA, 2015, p. 5), para o autorreconhecimento do homem como agente histórico.

As utopias partem de elementos reais e reconstróem todas as Histórias possíveis, todos os cenários que a História não realizou (BERRIEL, 2005, p. 1). Porém, a massa fluída anteriormente comentada, ou seja, aquela que reflete o mundo contemporâneo, pouco se aproxima da Cidade Ideal, da sociedade ideal ou de um mundo essencialmente justo, igualitário e perfeito. Assim, a utopia, de acordo com o nosso referencial, é uma projeção futura da parcela mais positiva da sociedade, mas que, ainda assim, trata-se de uma projeção falha e impossibilitada de existência presente. Em contrapartida, há uma corrida ao encontro de um mundo desvirtuado e preso a uma massa acinzentada de negatividade ao extremo, o qual surge com a

concepção de que tudo está abalado, noção de um processo de grandes rupturas, agitações, caos, repressões e totalitarismo, que põe em xeque a própria existência da humanidade, na possibilidade real, da sua destruição total (SILVA, 2011, p.92 apud PEREIRA, 2018, p. 5).

O surgimento da distopia é diretamente associado à realidade presente, uma vez que, de acordo com Jacoby (2007, p. 40), acabam encontrando no assombro uma forma de acentuar tendências contemporâneas que ameaçam a liberdade. Com uma narrativa crítica, anti-autoritarista e revoltosa contra a submissão dos indivíduos, a distopia torna-se uma realidade não apenas assumida tal qual é, mas as suas práticas e tendências negativas, desenvolvidas e ampliadas, fornecem o material para a edificação da estrutura de um mundo grotesco (BERRIEL, 2005, p. 3). Sabendo disso, aponta-se a distopia como uma aproximação de realidades presentes a um processo hiperbólico associado ao futuro, isto é, de acordo com Berriel (2005, p. 3), a realidade não é assumida apenas como ela é, mas as suas práticas e tendências negativas fornecem material para a edificação da estrutura de um mundo grotesco.

O mundo distópico é consequente, dependente de um passado recorrente – do presente, em nosso referencial –, dependente de ações previamente já observadas. O mundo desvirtuado tem um processo de construção lento e inevitável na medida em que os problemas atuais não são revertidos. Se há desigualdade no mundo presente, haverá em completa certeza castas e classes que se diferenciam violentamente no futuro distópico. Mas, a que momento essa base distópica nas sociedades atuais tornaram-se provas concretas que, não se espera viver futuramente em um mundo distópico, mas que a sua presença já se efetua e enraíza em nossos passos como humanidade?

De uma previsão negativa para o futuro, para um processo de *presentificação* do mundo distópico. Distopias cotidianas são aquelas inseridas nas mais diversas tarefas cotidianas da sociedade, sendo estas altamente associadas ao extremo uso das redes e sistemas tecnológicos que, inicialmente, tinham a premissa de tornar a praticidade uma realidade na vida humana. Está presente nas relações e na (não) identidade virtual, além de marcar-se como protagonista das bolhas sociais, do cancelamento e dos movimentos de falso ativismo virtual. Elas, portanto, refletem os perigos do não-diálogo, do bloqueio, do boicote e da falsa sensação de concordância generalizada.

Assim como as utopias, as distopias estão associadas ao processo de evolução da humanidade e as suas transformações sejam estas sociais ou tecnocientíficas. Pensar nas distopias do século XXI – e, consequentemente, nas distopias cotidianas – é desenhar um mundo altamente ligado ao uso e aplicação da tecnologia. Dessa forma, grandes realizações tecnológicas e científicas, inicialmente utópicas dentro de um contexto anteriormente "ultrapassado", vem a ter um caráter distópico quando a massa percebe uma possível evolução que os coloca numa posição de subserviência a tecnologia e as suas drásticas consequências na relação corpo-mente das pessoas.

A tecnologia acaba sendo a principal personagem ou clímax da narrativa distópica da série britânica *Black Mirror*. A produção de Charlie Brooker, Jesse Armstrong e William Bridges é caracterizada como ficção científica, sátira, distopia e humor negro de acordo com a plataforma de streaming *Netflix*, e tem como objetivo fazer com que o telespectador se enxergue e se veja refletido nas principais questões retratadas na série, tais como o consumo extremo, o linchamento virtual e a dependência da tecnologia. O próprio criador Charlie Booker, ao dar entrevista ao canal de TV britânico *Channel 4*, explica o nome de sua produção como “toda TV, ou tela de LCD, iPhone e iPad – algo do tipo – se você ficar olhando parece um espelho negro, e há algo frio e apavorante nisso”. A partir da fala de Booker, é possível extrair o cerne da filosofia de *Black Mirror*, que é, literalmente, fazer com o que o espectador enxergue o seu reflexo nas diversas tramas que são atribuídas aos episódios da série.

Dessa forma, o objetivo da pesquisa é, a partir dos episódios de *Black Mirror*, entender como a série constrói um conceito muito próprio de distopia, tendo sempre a tecnologia como elemento central de um cenário no qual observamos uma sociedade imersa em recursos tecnológicos, e o quanto essa intensa relação sociedade e tecnologia pode se tornar problemática do ponto de vista das relações sociais, estabelecendo assim um paralelo entre essas representações distópicas presentes na série e os problemas que decorrentes dessa relação no mundo atual. Nesse sentido, procura-se analisar, a partir do que é representado no mundo

distópico da série, conceitos contemporâneos incluídos na realidade virtual, como: a (não) identidade virtual, o culto à perfeição, a cultura do cancelamento, os movimentos negacionistas, a polarização política e as complicações psicológicas advindas destes cenários.

Materiais e Métodos

Para a execução do presente trabalho, a metodologia principal se baseou na análise da série¹, amparada pela leitura de artigos, ou seja, se trata de uma pesquisa essencialmente documental e qualitativa. Trabalhos como a *Imagem imperfeita: pensamento utópico para uma época antiutópica* (JACOBY, 2007) do historiador estadunidense Russel Jacoby, *Utopia e distopias do século XXI e pós-modernismo* de Vítor Vieira Ferreira (FERREIRA, 2015) e *Utopia, distopia e história* de Carlos Eduardo Ornelas Berriel (BERRIEL, 2005) serviram de base conceitual para a construção das principais questões aqui levantadas, principalmente no que se diz respeito à organização do conceito de distopias cotidianas. É lícito ainda citar o artigo de Victoria Barros Moura *O duplo e sombrio em Black Mirror* (MOURA, 2018), o qual faz uma análise das semelhanças presentes nos episódios *Be Right Back* e *White Christmas*, sendo uma importante referência de metodologia de estudo.

Após a primeira etapa de pesquisa, os 22 episódios divididos em 5 temporadas da série *Black Mirror* foram analisados e, posteriormente, selecionados aqueles que apresentavam ideias e críticas de maior importância para o presente trabalho. Em concomitância à análise de episódios, foram separados novos artigos e fontes teóricas que fortaleceram e serviram de sustentação para a apresentação das discussões e dos resultados, podendo citar como exemplo os trabalhos *Territorialidades virtuais: Identidade, posse e pertencimento em ambientes multiusuário online* de Suely Fragoso, Rebeca Recuero Rebs e Daiani Ludmila Barth (FRAGOSO, REBS, BARTH, 2011), *A Espetacularização da Identidade Virtual nas Redes Sociais* de Ariel Cardeal Malveira (MALVEIRA, 2011) e *Linchamentos em rede: justiça e violência-resposta na internet* de Rafael Almeida Ávila Lobo e Max Suel Dummer Coutinho Filho (FILHO, LOBO, 2017).

Assim, as fases da pesquisa foram: levantamento bibliográfico sobre as utopias e distopias representadas na literatura e no universo cinematográfico ao longo da história; análise dos 22 episódios de *Black Mirror*; seleção dos capítulos que se destacaram nas questões a serem analisadas, tais como: a distópica tecnologia e suas influências na sociedade; e sistematização de dados e produção do relatório científico.

Resultados e Discussões

Durante as 5 temporadas de *Black Mirror*, a série nos traz diversos debates e críticas sociais acerca das principais implicações do século XXI. Temas envolvendo uma tecnologia - esta muitas vezes futurística, mas ainda assim muito semelhante aos sistemas e programas existentes na atualidade - ligada às principais relações sociais que trazem o ar sombrio, acinzentado e perigoso para as histórias tão características de um mundo distópico fantasiado por máscaras de progresso, desenvolvimento e de ascensão tecnológica.

O fato de que o mundo distópico de *Black Mirror* se disfarça no processo de normalização de ações dos indivíduos dentro dos ambientes virtuais e as consequências em sua vida física, são a referência mais marcante do mundo físico presente que, abarrotado de injustiças, desigualdades e atos tiranos nos movimentos de falsa militância, se veste de um traje de justiça, liberdade e avanço social.

Sobre a (não) identidade virtual, podemos atribuir as discussões dos episódios *Fifteen Million Merits* (S01EP02) (2011) e *Nosedive* (S03EP01) (2016) a muitas questões já vividas no ambiente virtual cotidiano do mundo presente, principalmente no que se diz respeito ao autorreconhecimento dos indivíduos nos espaços midiáticos e como essa problemática torna-se extremamente influente nos espaços sociais e físicos. No primeiro episódio citado, Bing (o personagem principal) traz um discurso acerca da objetificação dos indivíduos e ambição pela imagem virtual, ambição esta representada na série pela existência de avatares

¹ Em uma perspectiva na qual se traz uma noção estendida de documento, concebendo-o como tudo aquilo que foi produzido pelo homem, à maneira da Escola dos Annales (BURKE, 1997), a própria série aqui assume o papel de documento histórico, sendo ela, portanto, a principal fonte documental para o estudo.

virtuais. Ainda nesse episódio, a trama nos traz discussões sobre o fortalecimento desse sistema que exige uma perfeição estética dos sujeitos e a facilidade em que os mesmos têm de serem absorvidos por essa expectativa perfeccionista do sistema, algo que é representado tanto pela trajetória da personagem *Abi* quanto do personagem *Bing*.

Especificamente sobre a estética, o episódio *Nosedive*, de forma mais agressiva, mostra ríspidas referências a redes sociais como o *Instagram* e o *Facebook* que, sobretudo, expõem apenas uma face das camadas complexas da identidade, isto é, através de um filtro pré-existente de acordo com um crescente culto à perfeição, são postas fotos e publicações que se dizem respeito a uma falsa felicidade constante e a um alto padrão consumista de vida. Como consequência para essas questões, há alimentação de uma grande fadiga social, uma vez que falsas expectativas são criadas sobre as vidas individuais, sobrando ao fim apenas uma angústia generalizada. Ainda nesse sentido, o episódio *Be Right Back* (S02EP01) (2013) discute como o *eu* virtual não se compara a complexidade do *eu* físico, estabelecendo, assim, uma separação entre as duas identidades; aliás, atrás das telinhas estão seres humanos angustiados pela grande onda distópica cotidiana das ações virtuais. Apesar de não ser o objetivo principal do presente trabalho, é de suma importância associar a angústia e o sentimento de fadiga ansiosa aos principais transtornos psicológicos já conhecidos, citando-se como exemplo a depressão e a própria ansiedade. Os sintomas dessas doenças muitas vezes podem ser intensificados pela própria conduta e participação influente da internet na vida dos sujeitos.

Um importante tópico nessa discussão é a recente cultura do cancelamento que se popularizou no cenário virtual internacional pelo *Twitter*. Os episódios *White Bear* (S02EP02) (2013), *White Christmas* (S02EP07) (2014), *Hated in the Nation* (S03EP06) (2016) e *Shut Up and Dance* (S03EP03) (2016) trabalham muito em cima do cancelamento e do linchamento virtual, indicando como tal tentativa de justiça traz drásticas consequências a vida dos personagens. Seja em cenas de perseguição em massa que referenciam as milícias canceladoras do *Twitter*, ou ainda o efeito prático do cancelamento de pessoas (como muito bem retratado em *White Christmas*), os personagens se veem em debate com suas próprias falhas e acertos, fazendo o telespectador, muitas vezes, se comparar às situações que estão sendo expostas. Como importante menção, na trama de *Hated in the Nation*, centenas de pessoas são mortas pela *hashtag* *#DeathTo*, acontecimento que evidencia de forma muito explícita o ódio disseminado nas redes pelos motivos mais sérios (como a opinião política da maioria) aos mais estúpidos, mas ainda problemáticos (como uma foto fora de sentido).

As distopias cotidianas retratadas em *Black Mirror* ainda se fazem presentes nos perigos de discursos negacionistas e da polarização política, algo exposto nos episódios *Men Against Fire* (S03EP05) (2016) e *The National Anthem* (SE01EP01) (2011). Enquanto o primeiro se faz muito presente na crença cega dos personagens que enxergavam a classe pobre em situação de miséria como, literalmente, monstros, o segundo se coloca num debate que põe em evidência a opinião política dos cidadãos britânicos, algo capaz de dividir o país em duas frentes: a que defendia a integridade do personagem principal, o Primeiro Ministro Britânico, e aqueles que defendiam, independentemente das condições absurdas atribuídas ao personagem, pela volta em segurança da princesa. Apesar de situações serem essencialmente fictícias, elas carregam largas referências às distopias cotidianas que, seja no negacionismo cada vez mais presente nas redes sociais, ou por fenômenos de polarização em cenários políticos, como no caso do Brasil, evidenciando, assim, a partir de todos os casos aqui mencionados, uma explícita e perigosa proximidade entre os mundos fictícios de *Black Mirror* e a atualidade presente.

Considerações Parciais ou Finais

A presente pesquisa é de suma relevância, justamente porque se coloca dentro da contemporaneidade e de seus principais assuntos sociais, estes intimamente ligados à tecnologia. Assim, contribui ao somar conhecimento na extensa e conturbada análise das sociedades pós-modernas ao apontar suas tendências a se afastarem cada vez mais de um mundo perfeito e a ampararem um mundo desvirtuado e problemático. Dessa maneira, sabendo que as redes sociais e o espaço midiático ocupam um espaço reduzido nos estudos das ciências humanas, mesmo sendo algo bastante recorrente

e também o principal palco de grande parte dos embates, das guerras de narrativas e das angústias sociais cotidianas, conclui-se que, a partir do que é retratado na série, é de suma importância a busca por novas concepções e interpretações de conceitos ligados intimamente aos espaços midiáticos tão frequentes como forma de se entender melhor a lógica da atualidade.

Referências

- ARAÚJO, Naiara Sales. Ficção científica e distopia: considerações acerca da cidade e do corpo em *Umbral* (1977) e *Asilo nas Torres* (1979). **Afluente**, Bacabal, v. 3, n. 7, p. 172-183, 2018.
- BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. Utopia, distopia e história. **MORUS – Utopia e Renascimento**, v.2, 2005. Disponível em; https://www.unicamp.br/~berriel/arquivos/berriel_prod_3.pdf. Consulta em: 07/05/2021.
- BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia**. São Paulo: Fundação Ed. UNES, 1997.
- CAMILLOTO, B.; URASHIMA, P. Liberdade de expressão, democracia e cultura do cancelamento. **Revista de Direito da Faculdade Guanambi**, v. 7, n. 02, p. e317, 11 fev. 2021.
- FERREIRA, Vítor Vieira. Utopia e distopias no século XXI e pós modernismo. **Papéis**, Campo Grande, v.19, n. 38, 2015, p. 64-82, 2015.
- FILHO, Max. S. Dummer Coutinho; LOBO, Rafael de. A. Ávila. Linchamentos em rede: justiça e violência-resposta na internet. **Novos Rumos Sociológicos (NORUS)**, Pelotas, v. 5, n. 7, p. 190-216, 2017.
- FRAGOSO, Suely; REBS, Rebeca Recuero; BARTH, Daiani Ludmila. Territorialidades virtuais: identidade, posse e pertencimento em ambientes multiusuário online. **Matrizes**, São Paulo, v. 5 n. 1, 2011.
- HILÁRIO, Leomir Cardoso. Teoria crítica e literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. **Anuário de Literatura**, Florianópolis, v. 18, n. 2, 2013, 201-215, 2018.
- IKEDA, Augusto. **Black Mirror: por que a série da Netflix tem esse nome?** Ei Nerd, 2019. Disponível em: <https://www.einerd.com.br/black-mirror-nome-significado/>. Acesso em: 08/05/21
- JACOBY, Russel. **Picture Imperfect: Utopian thought for an Anti-Utopian age**. New York: Columbia University Press, 2005.
- LANGER, Jessica. **The Shapes of Dystopia: Boundaries, Hybridity and the Politics of Power**. Science Fiction, Imperialism and the Third World: Essays on Postcolonial Literature and Films, London: McFarland & Company, Inc., Publishers, 2010. 171- 187.
- MALVEIRA, Ariel Cardeal. A Espetacularização da Identidade Virtual nas Redes Sociais. 2011. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação: XII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Londrina, Paraná, 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2011/resumos/R25-0670-1.pdf>. Acesso em: 07/05/21.
- MOURA, Victoria Barros. O duplo e o sombrio em *Black Mirror*. **Distopia e monstruosidade**, Rio de Janeiro, 2018, 62-76, 2020.
- NOVAE, Henrique Tahan; DAGNINO, Renato. O Fetiche da Tecnologia. **Democracia, Relações de Trabalho e Globalização**, Marília, v. 5 n. 2, 2004.
- OLIVEIRA, Gustavo Medeiros. **Geração Z: uma nova forma de sociedade**. 2010. 91f. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), Ijuí, 2012.
- PEREIRA, Luiz Fernando Soares. **O estado de exceção como distopia: um olhar historiográfico sobre a obra O processo**, de Franz Kafka. Vitória: s.n, 2018.

Agradecimento

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da produção deste trabalho, em especial ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico pelo fomento da bolsa de Iniciação Científica, o meu muito obrigada.